

O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO - HISTÓRIA

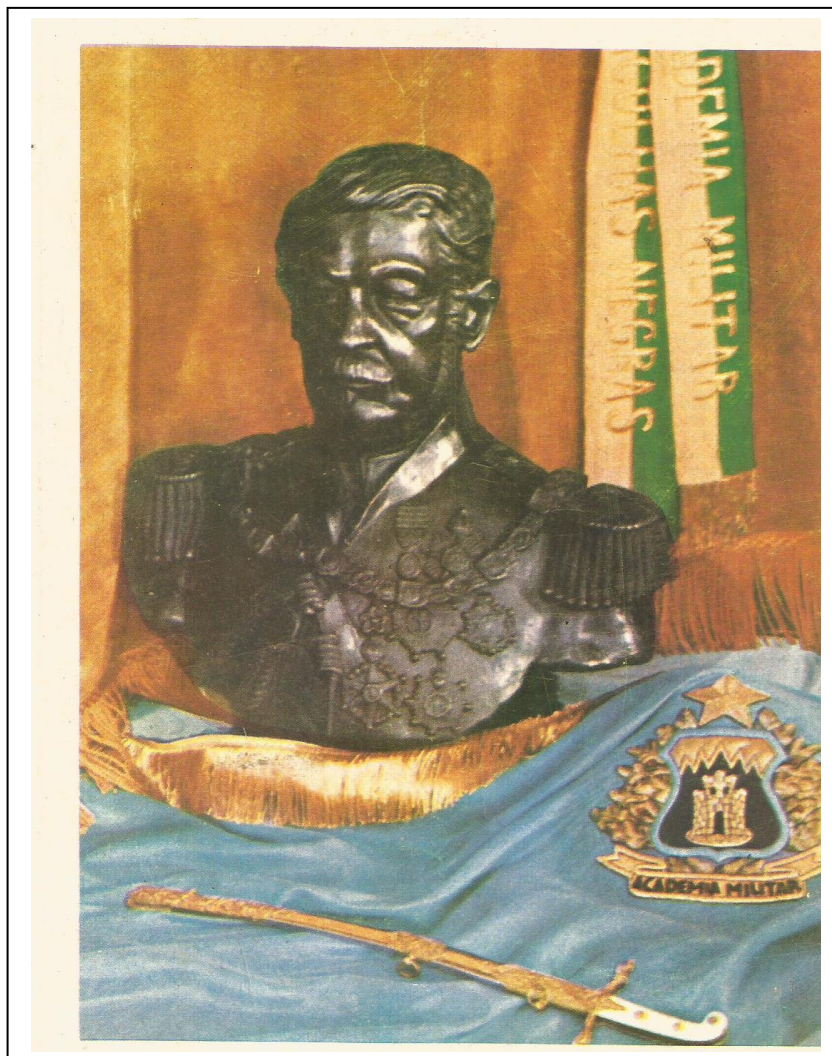


Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974 e foi Instrutor de História Militar na AMAN 1978/1980, Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que a última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Natural de Canguçu-RS.

Artigo digitalizado da Revista Militar Brasileira nº 3, jul/set 1978 vol.114, p. 61/68. para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB

www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB na AMAN, ora em levantamento para inclusão no Sistema de Bibliotecas do Exército.



Capa da Revista Militar Brasileira, nº 3, jul/set 1978, volume 114, com artigo do autor as p.61/68, intitulado O ESPADIM DE CAXIAS

O Ten Cél Eng QEMA Cláudio Moreira Bento, serve, atualmente, na Academia Militar das Agulhas Negras, onde exerce as funções de Instrutor de História Militar em Comissão. Pesquisador da História das Forças Terrestres Brasileiras, teve destacada atuação como membro da Comissão de História do Exército Brasileiro (1971-1974). Sócio da Academia Brasileira de História Militar do Brasil e dos Institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.(Redação da RMB).

Desde 15 de dezembro de 1932, inicialmente, na antiga Escola Militar do Realengo e a partir de 1944, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, repete-se anualmente a mais significativa cerimônia da vida dos cadetes — a entrega dos espadins aos alunos de 1.º ano.

A grandiosidade do ato, a história dessa arma, seu simbolismo, as tradições que ela encerra, estão consubstanciados nas palavras que os jovens futuros oficiais proferem em

unísson, como juramento: **"Recebo o sabre de Caxias, como o próprio símbolo da Honra Militar"**.

Em junho deste ano o General Hyran Ribeiro Arnt, comandante da AMAN, determinou que fosse realizada uma pesquisa, visando a localização atual da espada de Caxias, que servira de modelo para a confecção do Espadim dos Cadetes, uma vez que uma espada pertencente ao Condestável e guardada naquele Estabelecimento de Ensino Militar muito diferia do espadim.

Tal pesquisa remete-nos ao passado, nas buscas de suas origens de sua história.

A ORIGEM DO ESPADIM DE CAXIAS

A 19 de novembro de 1931, assumia o comando da Escola Militar do Realengo o então Coronel José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, oficial de escol, de cuja brilhante folha de serviços são destaques:: Instrutor Militar da Escola de Direito do Largo de São Francisco — São Paulo — (1916); estagiário da Escola Militar de Saint Cyr — França — (1917-1918); combatente voluntário do 4.^o Regimento de Dragões de Cavalaria — França; introdutor dos blindados no Brasil, ao organizar e comandar a Companhia de Carros de Assalto e o idealizador da AMAN e de suas mais caras tradições.

No comando da Escola Militar, promoveu profundas reformas na sua organização e no seu funcionamento. Imprimiu nova filosofia na seleção aos cadetes

"A Escola não se destina a corrigir defeitos e vícios e, sim, a aprimorar qualidades e virtudes modeladas nos lares de onde provêm os futuros cadetes".

Foi sua inspiração o posto de **cadete** atribuído aos alunos da escola, vendo-se nessa denominação o sentido de companheiro mais novo dos oficiais e não aquela significação de nobreza prevaiente nos anos do Império. Criou o Corpo de Cadetes e o Estandarte Escolar; criou o uniforme de gala, como simbolismo de ligação entre o Exército do passado e o do presente.

Criados os uniformes históricos, julgou o Coronel José Pessoa que deveriam eles ser complementados por uma arma privativa do posto de cadete. Idealizou então, com sua equipe, que esta arma seria uma fiel miniatura da espada usada em campanha pelo Duque de Caxias. Desde então ficou decidido ser o cadete, o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de cingir à cinta a espada de Caxias, ***"como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro"***.

Tomada a decisão, o passo seguinte seria a localização da espada original para servir de modelo à miniatura. Encontrá-la foi um grande obstáculo, conforme as palavras do General Pessoa.

"Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz idéia. Ignorávamos, até então, o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleiuss, fomos encontrá-la, entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E, ainda com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar. Assim, para ali foi

mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanado em aço e bronze".

A ESPADA DE CAMPANHA DE CAXIAS

No trabalho de pesquisa, visitamos o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde o professor Pedro Calmon, gentil e pessoalmente nos acompanhou até junto ao que ele também considera a maior relíquia militar brasileira, sob a guarda daquela quase sesquicentenária entidade, a espada de campanha do Pacificador. Encontra-se em posição de destaque na sala do museu que a abriga. Junto a ela urr/exemplar do Espadim de Caxias, sua cópia. Próximo, o binóculo usado por Caxias na campanha do Paraguai.

Momento de grande emoção e acentuada vibração militar foi o contemplar e reverenciar aquela peça de tamanha significação para a história nacional. 1

O escrínio que abriga a espada de Caxias, segundo o General Jonas Correia, foi oferta da Escola Militar do Realengo, em 1939, por inspiração do seu comandante, o então Coronel Alvaro Fiúza de Castro.

O professor Pedro Calmon — velho e fiel amigo da AMAN, onde já ministrou aulas inaugurais — confirmou ser aquela a espada que o Patrono do Exército usou em campanha como oficial-general. A utilizada até o posto de coronel, inclusive na pacificação do Maranhão, integra o acervo do Museu do Exército. '

Das mãos do seu possuidor ao seu atual relicário, percorreu o histórico sabre, interessantes caminhos. Foi doado em testamento ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa que, como 1.º Tenente, fora o Ajudante-de-Ordens de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas e mais tarde, como coronel, fora Chefe do seu Estado-Maior na Campanha da Tríplice Aliança (1866-68).

Sobre esse oficial, assim se expressou o Duque, na Ordem do Dia, de 14 Jun 1869, antes de retornar ao Brasil:

"Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitindo as minha ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes".

Esta espada de campanha foi localizada, pelo Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, um de seus biógrafos. Encontrava-se ela em poder de descendente direto de Fonseca da Costa, o Capitão-de-Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa. Este oficial, em gesto que se reveste de nobreza e patriotismo, decidiu, em 1925 doar a valiosa relíquia, através do Dr. Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se encontra há 53 anos e de onde saiu apenas uma vez.

O fato ocorreu em 1939 e se deve à iniciativa do então Major Jonas Correia. Foi a espada posicionada, em solenidade de rara grandiosidade, defronte do Corpo de Cadetes, formado, e ao lado da espada do General San Martin trazida pela representação da Escola Militar da Argentina, em visita ao Brasil.

1Na ocasião foi recordado que o Patrono do Exército, apos sua ação pacificadora fora eleito membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 23 Mar 1847, com 44 anos e no posto de Mare-chal-de-Campo. E, mais, que fora colaborador da instituição, ao responder questionário sobre a Batalha do Passo do Rosário (20 Fev 1827), a primeira interpretação militar brasileira à luz dos fundamentos da Arte da Guerra.

E do local onde hoje se encontra, segundo o Prof. Pedro Cal-mon, somente sairá em condições excepcionais de alto sentido cívico e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ela traduz. Talvez o cinquentenário, em 1982, da primeira entrega de espadins aos cadetes do Exército, possa justificar a sua ida até Resende.

A PRIMEIRA CERIMÔNIA DE ENTREGA DE ESPADINS — 1932

Localizada a espada de campanha do Pacificador, o Projeto Espadim foi submetido à aprovação do Ministro da Guerra, General-de-Brigada José Fernandes Leite de Castro (1930-32).

Desejaram, aquele General e o Coronel José Pessoa, que "Caxias, o Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Brasil, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr, na França".

O Ministro Leite de Castro aprovou a proposta e concedeu o crédito correspondente para a confecção dos espadins.

Os projetos e os recursos foram remetidos ao Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa, Coronel José Duarte Pinto. Este, com desvelo e entusiasmo, cumpriu a missão, encomendando a confecção das peças à firma Solingen da Alemanha.

Em outubro de 1932 os espadins chegaram ao Brasil tendo sido incluídos na carga da Escola Militar do Realengo pelo BI n.º 288 daquele ano.

A seguir foram organizadas as "Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias", ao que se sabe, somente publicadas no BI n.º 148 de 1938.

Nos dias 15 e 16 Dez 32 teve lugar a primeira cerimônia de Entrega de Espadins aos cadetes, desdobrada em duas fases. A primeira de âmbito interno, a segunda, uma solenidade pública realizada no dia 16 Dez na Praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, defronte do Monumento ao Patrono do Exército e que contou com a presença do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório do Brasil, e de várias autoridades.

Segundo o General José Pessoa, em 1938, a "cerimônia teve início com as bandas tocando o antigo toque de alvorada, o mesmo que, nos campos do Paraguai, despertava os nossos gloriosos regimentos. Toque que terminou com o de "Apresentar armas". Quando profundo era o silêncio da grande assistência, ouviu-se a voz de um oficial, lendo com vibração as palavras sacramentais do juramento, no que era acompanhado pelos cadetes, que tinham os olhos fixos no semblante quase austero de seu Patrono e pareciam iluminados pela famosa estrela que guiou sempre aquele guerreiro de vitória em vitória, e que certamente há de guiar as novas gerações, através dos caminhos ásperos da vida. Neste instante ecoou o troar dos canhões e o rufar surdo dos tambores, anunciando a criação de uma nova arma, representativa das virtudes de nossos antigos combatentes. Seguiu-se a leitura do Boletim alusivo, do Comando da Escola, n.º 297 de 16 de Dez 1932..."

Sobre o evento assim se expressou o Comandante da Escola Militar do Realengo em sua ordem do dia, publicada no BI n.º 297 daquele ano:

"Cadetes!

Defrontando a estátua do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim — arma distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgencia inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Pátria e mais a estremeceu.

Vosso patrono e vosso guia, aqui não podíeis faltar hoje a render-lhe as vossas homenagens, quando cingis pela primeira vez, aos vossos uniformes, o sabre glorioso que, em sua destra mão mostrou, sempre aos nossos soldados intemeratos, o caminho da Vitória!

Ante o bronze majestoso que a gratidão do povo erigiu em testemunho de reconhecimento a serviços que crescem de valor com o correr dos anos; vindes, cumprindo dever que ufana e dignifica, pagar o tributo de vossa admiração ao legendário soldado que, de cadete como vós, culminou a hierarquia militar e nas dignidades honoríficas, integrado na sua profissão, por ela sempre enfeitado e, passo a passo, ascendeu na sua carreira, pelo seu valor, pela sua coragem e pelo seu acendrado patriotismo!

A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acutilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgado ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade de leve sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremecida, a que ele serviu com inexcedível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!"

"Na homenagem que aqui prestais — vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcescíveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de fulgências gloriosas uma época da vida nacional!"

"Saudais, também, esse passado venerado de glórias e de virtudes, que é o orgulho do nosso povo, escrínio precioso de lições de nobre civismo e onde o nome imortal do legendário Duque de Caxias esplende, aureolado, em meio de uma corte de gigantes, batalhadores devotados de um Brasil forte e generoso, que se alça, na plana maior das primeiras nações do mundo, admirado pelo seu progresso e pela sua cultura."

"E, particularmente para vós cadetes, que sois as ridentes esperanças do Exército do Brasil — as armas que abateis, apontadas para o solo sagrado da Pátria, rendendo preito sincero de admiração ao grande soldado que foi o símbolo augusto das nossas virtudes militares, juram pela vossa eterna fidelidade aos ditames da honra e do dever, e pela rigorosa observância aos exemplos que nos legou o primeiro dos generais de nossa Pátria, cuja vida será o vosso modelo e cujo nome venerando será o clarim vibrante a acender os vossos entusiasmos nas lutas sem tréguas pelo bem e pela grandeza do Brasil."

SIMBOLISMO DO ESPADIM

O Coronel José Pessoa mandou gravar, na lâmina dos espadins, as palavras Duque de Caxias e o Brazão de Armas da Escola Militar.

Pelas instruções baixadas na época:

"Os espadins dos cadetes, constituindo um conjunto de elevado teor moral, deveriam ficar ligados às vidas de seus detentores, através dos tempos, por uma ficha histórica com o número de cada uma dessas armas que deveria levar a assinatura de cada um de seus detentores. E, finalmente, uma honrosa homenagem: sempre que um ex-detentor do Espadim de Caxias, distinguir-se em sua vida pública, por um gesto de sacrifício ou serviço excepcional, de real valor para o Exército ou para o Brasil, ou em benefício da humanidade, seu Espadim, com o respectivo número, deve ser retirado de circulação e recolhido ao

Museu Escolar, com a ficha respectiva, nela inscrita, em letras vermelhas, o motivo que determinou sua retirada de circulação."

Foram retirados de circulação, como distinção aos gestos de sacrifício de real valor de seus ex-detentores os seguintes espadins:

— **Espadim n.º 496, que pertenceu ao Aspirante Humberto Pinheiro de Vasconcellos. Justificou o ato, o exemplo de abnegação e coragem dado por aquele oficial ao ter sua mão despedaçada por uma granada, que manteve segura, com o braço para fora de uma janela, evitando destarte que não viesse a explodir na sala onde ministrava instrução ou atingir outros companheiros no pátio ao quartel.**

— **Espadim n.º 289, pertencente ao 1.º Ten Alípio Napoleão Andrada Serpa em virtude de ato de bravura, por ele praticado, por ocasião do torpedeamento do navio "Itagiba" que transportava sua unidade de artilharia para Olinda—PE.**

— **Espadim n.º 1002, que pertenceu ao Aspirante Francisco Mega, morto em combate, na Itália, integrando o Regimento Sampaio. O Aspirante Mega foi o primeiro oficial formado na AMAN a tombar em combate. Leva seu nome a turma de aspirantes egressa daquela Academia em 15 Fev 1955.(Turma do autor)**

Além dos citados foi retirado de circulação o Espadim n.º 103 que pertenceu ao General-de-Brigada Sinval Senra Martins, cadete de Intendência em 1945, Aspirante a oficial em 1947 e General em 1977.Foi primeiro cadete que cursou integralmente a AMAN,

(Nota:Em 1971/1974 eu o Coronel Senra Martins éramos os únicos oficiais não pertencentes a Cavalaria que éramos convidados para as festas no Regimento de Dragões da Independência, pelo seu comandante Cel Ernani Jorge Correia. O Cel Senra Martins por haver sido soldado do Regimento no Rio de Janeiro e o autor por haver escrito, em 21 de abril de 1972 artigo no **Correio Brasileiro** intitulado *Uma testemunha dos grande momentos de nossa História*, sobre a História do Regimento de Dragões da Independência Artigo hoje digitalizado e disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br)

A Academia Militar tem conferido simbolicamente, o Espadim de Caxias, a personalidades e escolas congêneres das Nações amigas.

O número do Espadim consta das alterações do seu ex-detentor. Já é prática, os novos cadetes pleitearem e conseguirem cingir os espadins que foram usados por seus avós, pais ou irmãos.

O VALOR DA HISTÓRIA E DA TRADIÇÃO

Em 1939 o General José Pessoa, assíduo colaborador de nossas revistas militares em assuntos de História e Doutrina Militar, escrevia na *Revista da Escola Militar* "O Espadim de Caxias do Corpo de Cadetes, ainda quase sem história pela sua apocada existência, nem por isso devemos olvidar-lhe fatos que hoje sabidos, mais tarde será difícil reconstituí-los. Haja vista o exemplo histórico da nossa lendária Escola Militar Real da qual mal se sabe ter sido fundada por D. João VI."

Como pesquisador e estudioso de História, nossa homenagem ao Marechal José Pessoa que, além da obra magnífica ligada à idealização e construção da AMAN, o maior sonho de sua vida e na qual passou as suas últimas vinte e quatro horas na ativa, preocupou-se em preservar suas História e Tradições, ao documentá-las com depoimentos e artigos em nossas revistas militares.

Estava convicto o Marechal José Pessoa de que a História "é a mestra das mestras, a mestra da vida" e a mãe da Tradição. E que sem documentação, não há história e nem tradição que resista à ação dos tempos. E, mais, que o povo ou grupo social sem tradição, ou que se a possui não a cultiva, é flor sem perfume, é espada sem têmpera, que quebra ao primeiro embate, é nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e para onde vai.

Soube o Marechal José Pessoa construir e preservar, através dos Cadetes do Exército, a tradição contida em seus Espadins, cópias fiéis da espada de rija têmpera moral e cívica, tal qual a do aço de que foi forjada — a espada de campanha de Caxias, O Pacificador — a maior espada do Brasil. Espada que figura com destaque, entre as dos maiores generais da História da Humanidade.



O autor no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tendo em mãos a invicta espada de Caxias de 6 campanhas vitoriosas, a qual por duas vezes, como instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 e como historiador sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi encarregado, duas vezes de trazê-la do IHGB a AMAN, como comandante de uma Guarda de Honra e Segurança integrada por cadetes . Em 1978, em homenagem ao General João Figueiredo, o primeiro Presidente da República a cingir ao cinto , como cadete o Espadim de Caxias E e em 1980 na cerimônia principal no Brasil, alusiva ao Centenário da Morte do Duque de Caxias, hoje patrono da Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, na qual a espada de Caxias figura no seu Brasão como a mais representativa espada brasileira. Detalhes nas revistas da AMAN 1978-80.(Vide brasão abaixo

